

A SENTINELA

Ela morava na fronteira entre os dois países, sendo que eram países inimigos, e ela nascera justamente no país sem liberdade; ela nem sequer sabia porque, mas desde que se recordava de si mesma, entendia que seu mundo estaria limitado àquela fronteira. Só poderia ir até ali. Jamais saberia o que havia do outro lado. Ouvia falar em liberdade e melhores condições de vida. Era como viver em um mundo fora do mundo.

Às vezes, ela ficava horas sentada nos degraus da porta da cozinha, olhando as cercas de arame farpado e as sentinelas, em ambos os lados da cerca, que iam e vinham, de um lado para o outro, o dia todo. Eram todos iguais, ou pelo menos, assim lhe parecia.

Tinha ouvido falar de um local aonde havia um buraco na cerca, por onde, de vez em quando, alguns conseguiam passar para o outro lado. Ninguém sabia porque o buraco jamais fora consertado ou vigiado com mais vigor; o fato é que ele estava ali, e que todos sabiam de sua existência. Dizia-se que para fugir por aquele buraco, era preciso juntar muito dinheiro. Mesmo assim, não havia nenhuma garantia de segurança.

Às vezes, ela ouvia tiros, e as pessoas murmuravam pelos cantos: "Pegaram eles!" Mas ninguém dizia quem eram eles. Noutras ocasiões, após um momento de tensão, em que senhoras torciam as saias dos aventais em apreensão, a pequena vila parecia quedar-se em expectativa durante alguns minutos. Ninguém o fazia de forma muito óbvia, mas ela percebia que, de vez em quando, os olhares se dirigiam, fugidios, para o norte, onde (diziam) encontrava-se o tal buraco na cerca. Após vinte e cinco minutos, se nenhum tiro fosse escutado, a tensão parecia dissolver-se, e cada qual voltava aos seus afazeres, alguns com lágrimas nos olhos, mas felizes. Alguém murmurava: "Eles conseguiram!"

Assim, o tempo foi passando, e transformando a menina em uma linda moça. Todos os dias, ela ordenhava as cabras, cuidava do terreno em volta de sua casa, levava a refeição na cama para sua avó, ajudava a mãe nos afazeres da cozinha. Enquanto isso, o pai trabalhava na roça.

Sempre que podia, ela se sentava na mesma escadinha na porta da cozinha, mordiscando um fio de capim, e olhando as sentinelas que passavam e que eram sempre iguais.

Um dia, ela percebeu que algo estava errado. Estava sendo observada. Notou que a sentinela que caminhava do outro lado da cerca estava olhando para ela. Pela primeira vez, viu em uma das sentinelas algum traço humano. Ele tinha dois olhos. Dois olhos bem grandes. A boca que se abria em um sorriso para ela. Sem querer, a dela abriu-se em um sorriso para ele.

Assim, todos os dias, a moça passou a ansiar pelo momento de sentar-se nos degraus da porta da cozinha, e sua vida passou a ter um novo sentido. Trazia no coração um sentimento novo, que a deixava alegre, mas ao mesmo tempo, lá dentro dela, crescia também um medo fininho... porque

ela sabia que, se eles continuassem se olhando daquela maneira, algo mais teria que acontecer.

Um belo dia, ela percebeu que ele tinha nas mãos um pedaço de papel. Viu quando ele o enrolou em uma pedra, e aproveitando-se da distração da sentinela que tomava conta do lado da cerca onde ela estava, jogou a pedra por cima do arame farpado. Ela esperou um momento, até que sua sentinela lhe desse as costas novamente, e como quem não quer nada, caminhou vagarosamente até o local onde estava a pedra e, bem depressa, inclinou-se e pegou -a, enfiando-a no bolso da saia rapidamente.

Do outro lado da cerca, a sentinela fingia fazer o seu trabalho de vigiar.

Ela trancou-se no banheiro da casa, abriu o bilhete enrolado na pedra e leu: "Encontre-me hoje à noite junto ao buraco da cerca."

E quando a noite caiu, ela esperou que todos na casa dormissem e, no silêncio que dominava a escuridão após o toque de recolher, ela envolveu-se em uma capa preta e foi até o buraco da cerca. Chegando lá, ela esperou. Quase meia hora depois, ela o viu aproximar-se.

Ele estava vestido com sua habitual farda de sentinela, e quando ele passou pelo buraco da cerca e a tomou nos braços, as estrelas pareceram cintilar mais forte.

Passaram a encontrar-se ali quase todas as noites, e então, iam para uma caverna ali perto, onde ficavam juntos até pouco antes do amanhecer. A vida dela passou a ter um novo sentido. Tudo o que fazia passou a ter um propósito: ordenhava as cabras com alegria, cantava, enquanto varria o terreno da casa, e até mesmo as tarefas de que menos gostava, passaram a ser mais fáceis para ela. Tudo porque estava amando.

Um dia, ela sentou-se como sempre, nos degraus da porta da cozinha, e ficou esperando por sua sentinela. Mas ele não apareceu. Nem no dia seguinte, nem depois, nem nunca mais.

As histórias corriam sempre, e eram murmuradas em segredo. Foi assim que ela ficou sabendo de uma sentinela do país vizinho que fora morta em um tiroteio, quando algumas pessoas do seu país tentavam entrar no país vizinho.

Enquanto ela definhava, a barriga lhe crescia. Passou a usar vestidos largos, e já que estava muito magra, não foi difícil esconder a gravidez até o final. Deu à luz sozinha no pasto, nas primeiras horas da manhã. Enquanto ainda sofria as dores, um grande meteoro caiu ali perto, uma

impressionante bola de fogo que cruzou os céus e foi vista por todos., deixando no solo um enorme buraco.

Após descansar um pouco, recompondo-se do susto que levava com o cair do meteoro, a moça pegou seu bebê no colo e olhou para ele pela primeira vez. Chorou de emoção e de saudades, ao ver no rosto do menino, os mesmos olhos de sentinela fitando-a.

Embrulhou a criança em seu avental e levou-o para casa.

Até hoje, todos ainda ouvem falar na história da mulher que, durante um passeio matinal pelo pasto, viu quando um anjo desceu do céu em uma grande bola de fogo e

pôs um bebê sobre o capim. Por causa deste milagre, as fronteiras entre os dois países foram finalmente abertas, e as sentinelas, dispensadas.